

MODERNIDADE E TÉCNICA EM “O ALEPH” DE JORGE LUIS BORGES

Nicolas Lima Peixoto (UFRJ)

RESUMO

Ao lermos o conto “O Aleph”, de Jorge Luis Borges, podemos perceber, aqui e ali, indícios de que a vida na cidade está se tornando outra, as coisas estão mudando. Essa mudança não é, de modo algum, gratuita, uma vez que levemos em consideração o momento histórico em que se dá a publicação do conto: trata-se do período da modernidade que, com a técnica, promoveu um movimento de dessacralização - um mundo desencantado. Porém, de acordo com Erick Felinto, os elementos espirituais ou metafísicos não desapareceram: moveram-se para a literatura moderna, que é esse lugar da tensão entre sagrado e profano, tradição e ruptura. Assim, observa-se no conto de Borges essa mesma tensão entre modernidade e tradição, onde essa modernidade parece buscar solapar tudo o que é tradição ou experiência mística – que compõe o clímax do conto. Destarte, este trabalho busca compreender de que modo essa tensão entre a modernidade e o elemento místico se apresenta no conto “O Aleph”.

Palavras-chave: Jorge Luis Borges. Teoria literária. Modernidade. Mística.

ABSTRACT

When we read Jorge Luis Borges' "The Aleph", we can see here and there signs that life in the city is becoming different, things are changing. This change is by no means gratuitous, once we take into account the historical moment in which the story is published: it is the period of modernity that, with the technique, promoted a movement of desacralization - a disenchanted world. However, according to Erick Felinto, the spiritual or metaphysical elements did not disappear: they moved into modern literature, which is this place of tension between sacred and profane, tradition and rupture. Thus, the same tension between modernity and tradition can be observed in Borges' tale, where this modernity seems to seek to undermine everything that is tradition or mystical experience - that composes the climax of the tale. Therefore, this work seeks to understand how this tension between modernity and the mystical element is presented in the short story "The Aleph".

Keywords: Jorge Luis Borges; Literary theory; Modernity; Mysticism.

1. A MODERNIDADE

Essa pesquisa busca compreender o período da modernidade e o que ela implica no conto “O Aleph”, de Jorge Luis Borges. Para tanto, é imprescindível que pensemos primeiramente sobre o conceito de modernidade.

Quando buscamos compreender a questão da modernidade, bastante discutida até os dias de hoje, faz-se necessário que, previamente, atentemo-nos para o que chamamos *modernidade*. O termo, de acordo com Erick Felinto (2008), tem potencial para compreender todo um movimento de reforma intelectual cuja origem se dá no século XVI e pode, de acordo com alguns autores, continuar até os dias de hoje.

Sendo assim, para que compreendamos esse movimento até, pelo menos, o século XX (período em que pretendemos trabalhar), não podemos deixar de considerar o pensamento do filósofo alemão Theodor Adorno. O filósofo, com seu colega Horkheimer, escreveu a célebre obra *Dialética do Esclarecimento* (publicada em 1947), em que se discute basicamente a crítica ao esclarecimento, o que podemos entender como uma espécie de processo de “desencantamento do mundo”.

Os pensadores alemães buscavam, através desta discussão, compreender o motivo de a humanidade, em vez de entrar em outro estágio (um estágio verdadeiramente humano), acabar caindo em um novo tipo de barbárie. Ou seja, por que todo esse progresso alcançado pelo homem não foi capaz de retirá-lo do estado de barbárie? Ou ainda, como esse progresso, que se expandiu para todos os saberes, acabou servindo a novas formas de dominação, contribuindo, por exemplo, para a ascensão do nazismo na Alemanha?

Por isso mesmo, tal ideia de “progresso” será posta em xeque por Adorno e Horkheimer. O esclarecimento, de acordo com nossos autores (1985), seria o responsável por transformar o ser humano em senhor: destruindo mitos, subjugando a natureza e também o próprio homem. Ao colocar a técnica acima do mito e da imaginação, o saber oferecido pelo esclarecimento tem a dominação como sua principal marca, e essa dominação serve aos senhores do mundo: a economia, as fábricas, a indústria bélica, empresários e também a regimes totalitários.

Em seu empenho em destruir o mito, o esclarecimento acabou tornando-se também mito: o mundo criado pelo esclarecimento é matematizado. Segundo Adorno e Horkheimer (1985), a matemática e o pensamento se encontram confundidos pelo esclarecimento. Ele elege o número como seu cânon, destruindo as qualidades e tudo aquilo que se tem como heterogêneo ao utilizar equações que reduzem tudo aos números. O que não é passível dessa redução abstrata torna-se suspeito para o esclarecimento, uma ilusão.

Diante desse quadro, podemos compreender, junto dos filósofos alemães, que esse esclarecimento que prometia a emancipação da humanidade acabou por fechar-se em si mesmo, evitando que qualquer coisa escape da sua dominação. À medida que fica clara a escravização da natureza e do homem pelo próprio homem, a ideia de progresso oferecida pelo esclarecimento também se torna transparente: tal progresso é o responsável pela regressão, esta não é um “efeito colateral”, mas um elemento genuíno desse “progresso irrefreável”.

Portanto, no raiar da modernidade, ficou cada vez mais difícil que discursos metafísicos ou teológicos se sustentassem, uma vez que, podemos dizer, esse processo do esclarecimento contribuiu para um “movimento de dessacralização”, parte desse mundo desencantado. Para onde foi Deus, ou as grandes certezas metafísicas? Uma resposta mais descuidada pode considerar que estão mortos, mortos em um mundo onde “nada mais existe para ser dito; todas as histórias já foram contadas” (FELINTO, 2008, p. 13).

Ocorre que, como nos mostra Felinto (2008), a modernidade não conseguiu destruir de fato o elemento metafísico: este foi abrigar-se na literatura moderna, que trata desses elementos do sagrado dados como mortos em um mundo profano. Deste modo, a modernidade não mais é entendida como negação do espiritual, mas como lugar de certa paradoxalidade onde convivem o sagrado e o profano, tradição e ruptura. Conforme a modernidade cria um ambiente de incomunicação e afastamento do divino, pode-se perceber um paralelo com a experiência mística, que também leva em consideração o “silêncio essencial” presente na literatura moderna.

Assim, ainda de acordo com Felinto,

A literatura moderna habita no espaço dessa tensão entre dois mundos, no interior do qual se afirma que toda presença autêntica desapareceu, mas onde certo indício de presença pode manter-se, ao ponto de se converter por vezes em *desejo de presença* ou, pelo menos, em *sintoma de uma ausência dolorosa*. (FELINTO, 2008, p. 36)

Qual seria, então, esse tal “desejo de presença” nos escritores modernos? Podemos crer que, em um autor como Jorge Luis Borges, ele se dá de fato na permanência de elementos metafísicos e teológicos. Como se sabe, Borges considerava tanto a teologia quanto a filosofia como ramos da literatura fantástica. Talvez possamos afirmar que esse modo de Borges tratar essas áreas de conhecimento seja a síntese de toda a questão da modernidade com a metafísica: os elementos espirituais e metafísicos ainda existem, mas não como verdades absolutas; eles são movidos para a esfera estética, ao mesmo tempo contaminando-a e sendo transformados por ela.

E é assim que chegamos ao nosso objeto: de que forma a tensão entre modernidade e elemento místico aparece em Borges? Ou, para sermos mais específicos, como que essa tensão se apresenta no conto “O Aleph”, conto marcado pela experiência mística em um mundo secularizado? É o que buscaremos apresentar a seguir.

2. BORGES, A MODERNIDADE E O ALEPH

Ao lermos o conto “O Aleph” (cuja publicação se deu primeiramente na revista Sur, em 1945), podemos perceber, aqui e ali, indícios de que a vida na cidade está se tornando outra, as coisas estão mudando. Essa mudança não é, de modo algum, gratuita, uma vez que levemos em consideração o momento histórico em que se dá a publicação do conto: trata-se do mesmo período em que escrevem Adorno e Horkheimer, momento de explosão da cultura de massas e da cidade como, segundo Beatriz Sarlo (2008, p. 27), um lugar de produção formal e mitológica, que é apreendida pela literatura.

Assim, faz-se necessário que se compreenda o funcionamento da cidade e o que ela representa, uma vez que se torna o lugar por excelência do mundo moderno, local tanto da moda quanto dos intelectuais. Porém, afirmar isto não é dizer, automaticamente, que a cidade é um lugar de qualidades exclusivamente boas. Ela representa o oposto do campo, ou

seja, a vida agitada, mercantil, individualista, o que, segundo Sarlo (2008), vai se tornar o interesse da literatura moderna.

A propósito, o livro de Sarlo *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia* (publicado em 1995) mostra-se de grande valia se pretendemos analisar a influência da modernidade e da cidade como espaço privilegiado desse moderno na literatura de Borges. A ensaísta argentina relata que, ao retornar da Espanha em 1921, Borges se depara com uma cidade transformada, quase irreconhecível diante de tantas mudanças. Assim, o escritor precisa inventar uma Buenos Aires que está se perdendo no esquecimento, criando uma cidade a partir da memória e da imaginação.

É a partir dessa busca de se recuperar uma cidade perdida, fadada ao esquecimento e à ideia de progresso (com todos os problemas que essa palavra carrega) que pretendemos analisar o conto “O Aleph”: parece haver nesse conto uma espécie de tensão entre modernidade e tradição. Acreditamos que essa modernidade aparece no conto de maneira a solapar (ou ao menos a tentar) tudo o que é tradição ou experiência mística (que, como veremos, compreende o clímax do conto).

Logo no início do conto, ficamos sabendo através do narrador-personagem (que é também Borges) que “os porta-cartazes de ferro da praça Constitución tinham renovado não sei que anúncio de cigarros” (BORGES, 2008, p. 136). Essa informação aparentemente desnecessária sobre um evento qualquer na verdade parece indicar a chave para compreendermos o papel da modernidade no conto. Ao concluir que esta renovação do anúncio de cigarros era “a primeira de uma série infinita” (BORGES, 2008, p. 136), Borges parece sugerir que a partir dali estará em jogo uma mecânica de substituição que, de acordo com Ortega (1999), trabalha em função do esquecimento.

Esse esquecimento, como veremos, é uma peça fundamental do conto: 1) ele é engendrado por essa modernidade que a tudo substitui; 2) Borges narrador-personagem luta contra o esquecimento para manter viva a memória de Beatriz (sua amiga e amada); 3) o esquecimento é parte da experiência mística, ocorrida ao fim do conto, na visão do Aleph. Assim, já no início do conto podemos perceber essa tensão entre modernidade (o novo, a mudança) e esquecimento (ou a tentativa de manter a lembrança).

Borges narrador-personagem, após a morte de Beatriz Viterbo, passa a visitar a família de sua amada a cada aniversário dela, para cumprimentar seu pai e seu primo-irmão, Carlos Argentino Daneri. Daneri, além de uma espécie de duplo de Borges (é também funcionário de uma biblioteca, não sai de casa para ir a festas, também é escritor), busca, de maneira um tanto problemática, representar a modernidade.

Este duplo de Borges é um homem de aspecto arrogante e de atividade mental “contínua, apaixonada, versátil e inteiramente insignificante” (BORGES, 2008, p. 138), travando uma espécie de rivalidade literária com o Borges narrador-personagem. Daneri representa a modernidade e também o anti-epifânico, uma vez que busca criar uma obra total: um poema épico chamado “A Terra”, que deveria descrever todo o planeta, mas, ao usar as palavras para duplicar o mundo, o rival de Borges falha em criar uma, digamos assim, “epifania materializada”, produzindo apenas tédio. Ele já teve a visão do Aleph, o *multum in parvo* (ou seja, muitas coisas em poucas palavras), porém não o compreende, uma vez que acredita ser possível reproduzir o efeito epifânico do Aleph apenas com palavras que nomeiam e representam.

É interessante perceber que Daneri, na qualidade de representante dessa anti-epifania da modernidade, certa vez em conversa com Borges, resolve empreender uma “defesa do homem moderno”:

– Eu o evoco – disse com uma animação um tanto inexplicável – em seu gabinete de estudo, como se disséssemos na torre albarrã de uma *cidade*, equipado com *telefones, telégrafos, fonógrafos, aparelhos de radiotelegrafia*, cinemas, lanternas mágicas, glossários, horários, prontuários, boletins... (BORGES, 2008, p. 138, grifos nossos)

Todo o trecho merece nossa atenção. A invocação que Daneri faz remete, de acordo com Ortega (1999, p. 458), à questão da “comunicação universalizada”, uma vez que os instrumentos citados (e exaltados) pelo rival de Borges buscam abolir distâncias, seguindo o programa moderno. Tal programa, ainda de acordo com Ortega (1999, p. 458), consiste em introduzir o espaço de substituição em nome da comunicação, abandonando o espaço habitável.

Porém, essa ingênua exaltação desses aparelhos é, como nos mostra Adorno (2008, p. 204), uma atitude narcísica, pois o que está em jogo é um ego controlador da natureza. Esse ego se sente onipotente graças a esses aparelhos, que aparentam ignorar de fato as distâncias. A partir de sua análise da coluna de astrologia do *Los Angeles Times*, o pensador alemão atenta para o fato de que existe uma relação sugerida entre “ser moderno” e “comprar aparelhos” ou “bugigangas elétricas”.

Esse tipo de desejo, de consumir produtos que encerrassem em si alguma ideia de “moderno” ou mesmo na utilização de aparelhos de comunicação “modernos”, é presente na sociedade do início do século XX. Beatriz Sarlo ilustra como essas novidades chegaram a Buenos Aires, e o que elas representaram para a vida na cidade:

Entre os anos 1920 e os anos 1930, os fios elétricos e as linhas telefônicas, as antenas de rádio e os cabos dos bondes tecem sua rede aérea. Os habitantes de Buenos Aires vivem a uma velocidade desconhecida até então: o transporte elétrico, a ilusão da comunicação imediata à distância. A tecnologia é todo um maquinário novo; produz novas experiências espaciais e temporais: utopias futuristas vinculadas à velocidade dos transportes, à iluminação que ignora os ritmos da natureza, aos grandes recintos fechados que são outras tantas formas da rua, do mercado e da ágora. (SARLO, 2008, p. 31)

Assim, faz-se notável perceber que essa atitude de buscar ser moderno adquirindo tais aparelhos e exaltando a tecnologia pode, através do mesmo desejo narcísico, estar relacionada com o que Adorno chama de semi-erudição. Basicamente, o sujeito semi-erudito não é capaz de “empreender operações intelectuais complicadas e distanciadas” (ADORNO, 2008, p. 51), mas gosta de demonstrar uma aparente superioridade diante de pessoas consideradas “mais simples”.

No conto, Daneri parece apresentar essas características de semi-erudição: ele lê seus versos a Borges, mas sequer escuta o que este tem a dizer. É o próprio Daneri quem faz a “crítica”, elogiando em demasia seu poema, acreditando criar uma obra-prima. É através de Borges que temos uma “segunda opinião”, ou ainda, uma crítica verdadeira, sempre irônica. Por exemplo, o narrador-personagem diz que não faltam no poema épico de seu rival “a

digressão pitoresca” ou a “galharda apóstrofe”, que nada é memorável nas estrofes da obra e conclui:

Compreendi que o trabalho do poeta não estava na poesia; estava na invenção de razões para que a poesia fosse admirável; naturalmente, esse trabalho ulterior modificava a obra para ele, não para os demais. (BORGES, 2008, p. 140)

Também não parece ser fortuito que a exaltação de Daneri inclua uma torre albarrã na *cidade*, apesar da imagem parecer estranha, a princípio. Como dissemos anteriormente, este personagem encarna a modernidade, mas de maneira problemática, pois há algo de paradoxo nisso. O rival de Borges, como vimos, “faz a defesa do homem moderno”, incorpora tudo o que é tecnologia, acreditando que isso faz dele também moderno. Porém, a imagem de uma torre albarrã (torre que protege os campos) na cidade sugere que há ainda um princípio nostálgico no ambicioso escritor.

Apesar de Daneri se encantar e tecer elogios ao “progressismo” de Zunino e Zungri (empresários criadores de um “salão-bar” e também proprietários da casa de Daneri), essa ingenuidade e animação diante de qualquer coisa considerada moderna acaba se voltando contra ele, além de mostrar que, no campo das letras, o rival de Borges não é nada moderno.

Como sabemos com a leitura do conto, a casa de Daneri é fundamental para que sua obra épica se concretize, uma vez que há um Aleph em seu porão - “um dos pontos do espaço que contém todos os outros pontos” (BORGES, 2008, p. 145). O rival de Borges, talvez com a intenção de se gabar de ter algo tão fascinante em sua propriedade, convida Borges para vê-lo.

Esse ponto, da descrição da visão do Aleph feita por Borges, compreende o momento de maior importância no conto. Ao ver a “pequena esfera furta-cor” no porão, Borges tem a epifania, ou seja, uma espécie de “aparicação do divino” (por mais que não haja aqui um deus, mas o Aleph). A descrição feita por Borges de sua visão é, de certo modo, uma resposta à obra tediosa de Daneri: enquanto este se utilizava de um modelo tradicional de literatura, a poesia épica, para narrar e descrever o mundo tido como moderno, Borges,

com a consciência de que não é capaz de representar aquela imagem simultânea (uma vez que a linguagem é sucessiva), propõe-se a aludir a ela, a recuperar dela algo.

Logo, a descrição do Aleph de Borges (ou sua alusão) se opõe a de Daneri, de modo a querer sugerir como seria o modelo ideal de se escrever a literatura moderna. De acordo com Ortega (1999, p. 461), Daneri representaria a “mimesis empobrecedora do cosmos”, enquanto que Borges seria a “linguagem doxológica do assombro divino do real”. Em vez de tecer uma longa obra épica, a descrição de Borges é concisa, poética, fazendo uso de uma enumeração caótica, de ritmo, da dicção e da prosódia. Parece que a obra moderna não pode apenas trazer para si o que há de novo no mundo, mas precisa também de uma forma própria. Borges parece nos mostrar qual seria o modo mais adequado de se executar a tarefa de Daneri.

Assim, percebemos que Daneri não é tão moderno quanto pensa, e essa sua admiração ingênua por tudo o que é “moderno” ou “progressivo” parece ser abalada ao fim do conto. Os mesmos “progressistas” Zunino e Zungri, admirados por Daneri, resolvem demolir sua casa, pretendendo ampliar a confeitaria.

Portanto, a dispersão do Aleph ao fim do conto se dá em pelo menos dois níveis; através do esquecimento que age sobre Borges, relativizando a experiência mística (e epifânica), e também pela demolição da velha casa de Carlos Argentino Daneri, que pode ser entendida como uma metáfora para o movimento avassalador da modernidade.

Sendo assim, o esclarecimento, o progresso e as promessas se sobrepõem à tradição e também à experiência mística: na modernidade, não há mais mistérios a serem revelados. Ou, se há, estão soterrados, assim como o Aleph.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **As estrelas descem à Terra**: a coluna de astrologia do Los Angeles Times: um estudo sobre a superstição secundária. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BORGES, Jorge Luis. **O Aleph**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FELINTO, Erick. **Silêncio de Deus, silêncio dos homens**: Babel e a sobrevivência do sagrado na literatura moderna. Porto Alegre: Sulina, 2008.

ORTEGA, Julio. El Aleph y el lenguaje epifanico. **Hispanic Review**, Philadelphia, v. 67, n. 4, p. 453-466, set./ dez. 1999. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/474714>. Acesso em: 08 nov. 2016.

SARLO, Beatriz. **Jorge Luis Borges, um escritor na periferia**. São Paulo: Iluminuras, 2008.